Folha S Paulo
São Paulo SP
26 Jan 1975

A linguagem do off-set

RR — como foi que você chegou ao off-set?

HF — minha experiência como litógrafo vem desde 1936, quando me dediquei à litografia em pedra e em zinco na Companhia Melhoramentos. Fiz isso durante 10 anos. Cheguei ao off-set naturalmente, ao perceber nesse processo todos os recursos para a produção de uma obra de significado e linguagem próprios, absolutamente conteporâneos.

RR — o que vem a ser exatamente o off-set?

HF — O processo off-set é um sistema de impressão gráfica e representa uma evolução da litografia artesanal, a da pedra. Esclarecendo: na lito em pedra o litógrafo executava manualmente os temas a serem impressos. A seleção de cores, nesse caso, era interpretada pelo olho do litógrafo e executada artesanalmente a crayon sobre a superfície granulada da pedra. Quer dizer: para cada cor selecionada era necessário uma pedra. O processo de impressão por off-set se utiliza preliminarmente da execução de fotolitos. Com o desenvolvimento dos processo fotográficos a litografia passou a basear-se nessa evolução tecnológica: a seleção de cores daí por diante passou a ser interpretada pelo "olho" da objetiva, programada pelo homem. Assim, para cada cor selecionada, temos um filme; mas com uma diferença: a gama de cores é conseguida a partir de 3 cores primárias (azul, amarelo e vermelho) e mais o preto para o desenho. Conclui ?se que tanto no processo artesanal como no processo off-set, a validade de uma obra reside simplesmente na maneira como o artista trabalha uma superfície ou outra e em seu conteúdo e significado explícitos.

RR — desde quando existe off-set no Brasil?

HF — como desenvolvimento da gráfica moderna, após uma fase de transição, a litografia em off-set, foi implantada no início da década de 40, numa época de grande evolução gráfica.

quando você sentiu que o off-set poderia ser uma linguagem para as Artes Plásticas?

HF — tenho que voltar bem ao início: como litógrafo sempre tive contato com aartistas plásticos. A todo momento chegavam-me às mãos originais de outros artistas para serem reproduzidos. Sendo pintor desde 1940, sentia que aquele ato de reproduzir uma obra para litografia separava o artista que criava o original dos processos mais diretor de interpretação e execuçã° de sua própria obra. Por que ele não a fazia diretamente? Por que era preciso haver o litógrafo? Claro que o artista não era um técnico em litografia. Mas no momento em que pudesse haver uma participação maior do artista na execução, acreditava eu que haveria uma evoluçaõ criativa, atingindo-se realmente uma linguagem nova. Uma vez que eu era pintor e ao mesmo tempo, litógrafo, senti que me cabia enveredar por um campo novo.

RR — Como foram sua s primeiras experiências na área de off-set?

HF — começaram como pesquisa em 56/57, época em que, mais maduro como pintor, já integrava o Movimento Concreto. Contudo o off-set era um processo de execuçao bastante caro, não me permitiu realizar na época obras que pudessem ser mostradas. Ficaram registradas experimentalmente até 59/60, quando, num atelier cedido por Volpi, pude desenvolver as primeiras peliculas transparentes, que permitiram a realização das obras denominadas "reticulas cor-luz", fusão e difusão da cor por incidência de luz. Essass obras eram óticas e, pels transparencias de cor apresentadas, produziam vibrações no inter-relacionamento das cores, problema que se inseria na linguagem da tendência concreta. Esses trabalhos foram expostos em 62 na Galeria Novas Tendências em Campinas. Posteriormente foram realizadas obras de maiores dimensões, apresentadas no MAC (1966), no Salão da Eletrobrás, e outros. Essas últimas obras tinham conotações op-pop.

RR — existe um sentido cultural próprio no off-set?

HF — tenho para mim que todas as artes gráficas e plásticas possuem um sentido próprio. Posso concluir que existe um sentido cultural próprio no momento em que o off-set proporciona uma divulgação maior, muito mais extensa, do processo artístico-cultural. A obra produzida em off-set, proporciona uma tiragem maior sem prejuízo da qualidade original. Isto poderá sem dúvida alterar revolucionariamente a divulgação da obra de arte levando-a a um público que por razões econômicas não tinha acesso a ela.

RR — qual o relacionamento ou as diferenças entre o off-set e as outras técnicas gráficas já utilizadas por outros artistas?

HF — em primeiro lugar, o preconceito. Assim como o moedor manual de café é hoje um elemento de decoração por ser "coisa antiga", do mesmo modeo a litografia em pedra, que antes era utilizada largamene no campo comercial (os primeiros out-doors, todos os cartazes publicitários de 30 anos atrás eram feitos em pedra, com milhares de exemplares), paradosalmente tudo o que é impresso em peara hoje passou a "ser obra de carte" simplesmente porque é um artesanato do passado.

Poucos são, no entanto, os que se debruçam sobre uma pedra e fazem arte. O simples fato de ser litografia em pedra não significa que seja uma obra de arte. O mesmo se pode dizer a respeito de outras técninas, a xilo, a gravura em metal, a serigrafia.

É curioso observar que a serigrafia (silk-screen), introduzida dpois do off-set, não sofre o preconceito porque é artesal. Surgiu no Brasil por volta de 45 e não é podada como o off-set porque é artesanal, e se pensa cue tudo que é artesanal é arte. Engano. Muito artista que se diz evoluído e cirador de arte moderna é na verdade um provinciano fechado em seu mundinho, um xaltor de amenidades temeroso de que a tecnologia cenha a abalar seu universinho pscicológico. Paronaidando Oswald de Andrade poderia afirmar que o artista que está na idade da pedra não está se dando conta de que o off-set está na idade da pedrada.

RR — o que o off-set representa de novo nas Artes Plásticas?

HF — em si, nada. Tudo depnde de como você trabalha com o off-sett, com a pedra ou com o silk-screen para fazer a obra. Falando objetivamente do que ela possa representar, diria que poderá regressar uma tendência da Arte para o futuro, desde que sua linguagem possa ser utilizada sem as limitações do preconceito.

RR — outros artistas já se utilizaram do off-set para produzir obra?

HF — o off-set vem sendo largamente utilizado para reproduções comerciais. Talvez por esse motivo as pessoas pensem que tudo o que é impresso em off-sett é reprodução. É preciso inverter o processo. O artista pode utilizar-se do off-set como meio de expressão, produzindo diretamente sua obra com materiais e elementos técnico — transparencias, filmes, chapas, reticulas que lhe permitem auferir de um comportamento na execuçaão, através de uma ação digital autentica, o exemplo dos demais processos de arte gráfica — a pedra, a gravura em metal, axito o silk-screen, etc. Em resumo, o artista pode trabalhar o filme ou a chapa, assimo como outras superfíies àquando falei do preconceito, não me refeiro só a artistas, críticos e donos de galerias. A maioria dos colecionadores ainda tem problemas de afirmação de status perante a obra multiplicada. Alguns ainda preferem uma obra única, ainda que esta seja de qualidade inferior, a uma obra excepcional com muitos exemplares.

instituto de arte contemporânea